

Relação entre o realismo nominal, consciência fonológica e os estágios da escrita

Jania de Oliveira Pereira

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Resumo

O presente artigo foi desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação em Alfabetização e Letramento e Linguagem Matemática, oferecido pelo Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Universidade Estadual de Montes Claros. Insere-se no campo da alfabetização e tem como objetivo investigar qual a relação existente entre os níveis do Realismo Nominal, Consciência Fonológica e os estágios em que perpassa a criança para a aquisição da escrita. Este trabalho traz uma discussão sobre o tema de forma a uma melhor compreensão do processo de alfabetização de crianças na faixa etária de quatro a cinco anos de idade. Sendo esta pesquisa, de natureza qualitativa, no qual foi utilizada entrevista semi-estruturada como instrumento de coletas de dados. Os dados foram coletas, transcritos, tabulados e descritos conforme a realidade pesquisada e foi embasada com teorias correntes de acordo aos autores, Morais (2006) e Freitas (2004) que falam sobre Consciência Fonológica; Carreher e Rego (1981) com a pesquisa sobre Realismo Nominal; dentre outros. Os resultados obtidos indicaram uma alta correlação entre os níveis do Realismo Nominal, Consciência Fonológica e de aquisição da escrita.

Palavras-Chave: Realismo Nominal, Consciência Fonológica, Estágios da escrita, Alfabetização

Introdução

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa realizada no âmbito de estudos sobre alfabetização e letramento, sendo este, realizado para atender o requisito de conclusão de curso de Pós-graduação em Alfabetização, Letramento e Linguagem Matemática, oferecido pelo Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais da Universidade Estadual de Montes Claros.

O estudo tem por objetivo investigar quais são as relações existentes entre os níveis do Realismo Nominal e os níveis da Consciência Fonológica e a aquisição da escrita. A discussão se baseia nos dados coletados através de uma entrevista semi-estruturada, realizada em crianças de quatro a cinco anos de idade, matriculadas no Ensino Infantil e embasada teoricamente, segundo as idéias de Carraher&Rego (1981), que aponta resultados de suas pesquisas sobre o Realismo Nominal; Morais (2006) e Freitas (2004) que falam sobre Consciência Fonológica e sua relação com a alfabetização; Ferreiro e Teberosky (1999) que discute sobre a Teoria Construtivista; Guimarães (2005) que corrobora com as ideias de Ferreiro e Teberosky como também outros autores, tais como Bellés (2001) que contribuiu para melhor análise sobre questões da aquisição da escrita.

Sabemos que crianças que estão com a consciência fonológica mais desenvolvida têm facilidade de se alfabetizarem em relação a outras que ainda não a desenvolveu. Segundo Morais (2006) as crianças que estão numa hipótese pré-silábica de escrita têm facilidade em segmentar palavras em sílabas, porém não consegue identificar se uma palavra oral é maior ou menor que outra. Isso é, ela possui um certo desenvolvimento da Consciência fonológica, mas ainda se encontra no Realismo nominal. Sabe-se, portanto, que existe relação entre Consciência Fonológica, Realismo Nominal e a aquisição da escrita.

Procuramos construir respostas para as seguintes questões: Qual a relação existente entre Consciência Fonológica, Realismo Nominal e a aquisição da escrita entre crianças de quatro e cinco anos? Existe correspondência entre os níveis do Realismo Nominal com os níveis da Consciência Fonológica entre as crianças pesquisadas? Qual a relação existente entre Realismo nominal e a Aquisição da Escrita? Qual a correspondência existente entre os níveis de Consciência Fonológica e os níveis da aquisição da escrita? Nesse sentido uma das hipóteses foram levantadas é: crianças que estão no nível 1 do Realismo nominal, se encontram no nível das sílabas, sendo capazes de segmentar oralmente as palavras, apesar de não serem capazes de usar essa informação para avaliar o tamanho das palavras faladas, ou ainda não desenvolveram a percepção sonora das palavras no que diz respeito à Consciência Fonológica e estão num nível de hipótese pré-silábica de escrita, sendo essa uma condição que dificulta sua alfabetização. A outra hipótese que buscamos confirmar é: existe relação correspondente entre os níveis de Consciência Fonológica e os níveis de Escrita. Isso significa que, crianças que se encontram numa hipótese pré-silábica de escrita conseguem segmentar palavras em sílabas e contá-las, apesar de não perceberem que a escrita seja uma representação da fala. Dessa forma, à medida que as crianças avançam nos níveis de Consciência Fonológica, também avançam nos níveis de escrita e na superação do Realismo Nominal.

As primeiras abordagens deste artigo são sobre o processo metodológico no qual se desenvolveu a mesma; em seguida vem apresentação e discussão dos resultados e por fim as considerações finais.

Caminho metodológico

Este trabalho é uma pesquisa de campo, no qual trabalhamos com dados coletados no local onde ocorre o fenômeno investigado. Nesse sentido, optamos pela abordagem de natureza qualitativa, procurando assim, seguir um plano previamente estabelecido, baseado nas hipóteses. Dessa forma, a pesquisa foi direcionada ao logo do

seu desenvolvimento. Esse tipo de pesquisa, não busca enumerar ou medir eventos e por isso não será empregado instrumento estatístico para análise dos dados. Portanto, os dados serão descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Sendo assim, procuramos entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e realizamos a interpretação dos fenômenos estudados, considerando contribuições teóricas de Alves-Mazzotti (1999) e Godoy (1995).

A natureza dessa pesquisa, de acordo com os objetivos, é descritiva. Dessa forma, os fatos ou fenômenos da realidade pesquisada serão registrados sem manipulação por parte dos pesquisadores. Procuraremos conhecer e entender as diversas situações e relações que envolvem a alfabetização.

O método utilizado nessa pesquisa foi o indutivo, no qual partimos de casos individuais para um âmbito mais geral, sem haver pretensão de se estabelecer generalizações a partir dos sujeitos investigados. Esse método permite investigar apenas um percentual da população alvo desejada. Isso implica que, as informações que aqui levantadas foram feitas com vinte e uma crianças entre quatro e cinco anos de idade, matriculadas no Ensino Infantil em uma unidade municipal de ensino.

A escolha deste local se deve ao fato de ser uma unidade de Ensino, sendo que, as práticas pedagógicas já vêm sendo observadas um determinado tempo e por ser considerado uma unidade que desempenha um trabalho de qualidade.

A coleta de dados foi através de uma entrevista semi-estruturada, por ser esse instrumento uma técnica flexível, de acordo as idéias de Lüdke e André (1986), Gil (1995) e Triviños (1995). Para tal, foi necessário a utilização de um gravador, como também o agendamento as entrevistas, após a autorização dos pais ou responsáveis.

Os dados coletados foram transcritos, tabulados e analisados, comparando-os com a literatura existente, de forma a refletir sobre o tema pesquisado.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, sendo a mesma analisada pelo processo 2399, entendendo que esta está dentro das normas do Comitê e da Resolução CNS N° 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Dessa forma, dados parciais da pesquisa foram apresentados na II Jornada de Epistemologia da Pesquisa Científica, promovida pelo Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais, em abril de 2011.

Resultados e discussão

A alfabetização é processo complexo e se apresenta como um desafio aos professores e às crianças. Para que ocorra a alfabetização é necessário que a criança desenvolva um conjunto de habilidades para que ela consiga representar a fala através de símbolos gráficos. Entretanto, antes que ocorra a alfabetização, a criança já domina a língua oral. Mas, ao falar, ela usa uma seqüência de sons, porém esses sons ainda não são percebidos. Isso significa que, ao pronunciar uma frase, a criança não consegue distinguir separadamente todas as palavras ou até mesmo ao dizer uma palavra, ela não consegue perceber as sílabas, ou os fonemas dessa palavra. Guimarães (2005) comenta que: "... a aprendizagem da leitura e da escrita exige da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância até aquele momento." (p. 57). Portanto, ao escrever, a criança precisa de segmentar as frases em palavras e as palavras em sons, uma vez que cada som é representado na ortografia alfabética. "Assim, a aprendizagem da leitura e da escrita requer, em especial, que a criança entenda como o sistema de escrita funciona, isto é, ela precisa compreender o princípio alfabético." (GUIMARÃES, 2005, p. 57). Então, para que ocorra a alfabetização, a criança precisa desenvolver a Consciência Fonológica e superar o Realismo Nominal.

As crianças, em um determinado momento, não conseguem perceber que a escrita não representa diretamente os significados, mas sim os significantes verbais e eles associados. Desta forma, nesta

fase, a criança acredita que os nomes das coisas têm relação com as características daquela coisa. A este fenômeno, se dá o nome de Realismo Nominal.

As primeiras seis perguntas da entrevista visavam à análise do fenômeno citado acima. A primeira questão pedia-se para que as crianças fizessem comentários do que aconteceria se mudasse o nome da blusa pra calça ou vice-versa. A maioria delas, responderam que, se mudar o nome da peça, também deveria mudar a forma de vestirlas. Isso revela que as mesmas acreditam que as palavras apresentam características do objeto referido. As demais perguntas relativas ao Realismo Nominal centravam-se dizer palavras grandes ou pequenas, ou que identificassem o nome escrito de boi e formiga relacionando-os à imagem do animal que representa. Tais questões possibilitaram identificar a presença dos três níveis de Realismo Nominal, conforme a descrição de Carraher & Rego (1981).

Segundo estas autoras, Realismo Nominal é a confusão que a criança faz com a escrita das palavras, seus sons, com relação a características ou significados desses dos objetos.

As autoras falam da contribuição de Piaget, pois foi baseada nas ideias dele que estabeleceram a relação entre a capacidade de focalizar o significante independentemente do seu significado e a aquisição da leitura. Segundo elas, Piaget coloca dois tipos de confusão entre nome e coisas: um é o realismo nominal ontológico e o outro é o realismo lógico.

O realismo ontológico consiste na confusão que a criança faz na existência, origem e localização dos nomes com as próprias coisas a que eles se referem. Já o realismo lógico, consiste na atribuição de um valor lógico intrínseco aos nomes. Entretanto, segundo as análises de Carraher & Rego, apenas a questão do realismo nominal lógico tem relação à aquisição da escrita.

De acordo os estudos de Piaget, ele considerou apenas um estágio do realismo nominal lógico, que acontece entre os 9 anos de idade. Entretanto, as autoras, descobriram mudanças no pensamento da

criança entre os cinco e sete anos. Também, elas identificaram dois estágios neste período.

O primeiro estágio acaba por volta dos seis anos, sendo que, a criança apresenta uma profunda confusão entre palavra e coisa. Então, para as crianças neste estágio, mudar os nomes das coisas implica também mudar a coisa também. Isso é, trocar os nomes significa trocar as características específicas de cada objeto.

Conforme os estudos das autoras citadas acima, o primeiro estágio se divide em dois níveis, sendo eles: nível 1A e nível 1B.

Das vinte e uma crianças pesquisadas, 14 (quatorze) delas se encontra no nível 1A do Realismo Nominal. Isso significa que 66% (sessenta e seis por cento) delas acreditam que se um objeto é grande ou apresenta característica relacionada à grande dimensão física ou até mesmo de poder (no caso de uma criança ter citado a palavra Deus como uma palavra grande), esta deve ser escrita com muitas letras.

No nível 1A, as crianças acreditam que coisas de tamanho pequenos tem a escrita com poucas letras (palavra pequena); coisas de tamanho grande só podem ter nome grande (com muitas letras); palavras parecidas entre si são nomes de coisas parecidas entre si. Portanto, nem sempre as justificativas são coerentes. Às vezes, as crianças não sabem justificar suas afirmativas.

O nível 1B é considerado um estágio de transição entre o nível 1A e o nível 2. No nível 1B, é percebido que as crianças já tenham uma certa consciência da palavra, mas deixam-se levar pelo significado, em sua maioria. Principalmente por palavras sugestivas, tais como “anãozinho”, que para elas é uma palavra menor que “gigante”.

Apenas 2 (duas) crianças, nesta pesquisa, se encontram no nível 1B, representando 10% (dez por cento), pois tais crianças demonstraram oscilação em suas respostas. Ora elas respondem de forma em que as palavras apresentam características físicas ou ao seu significado em relação ao objeto, ora consegue perceber as letras e as sílabas que compõem as palavras trabalhadas na entrevista.

Já o segundo estágio, há “...uma redução significativa do realismo nominal lógico, pois, embora a relação entre o nome e coisa ainda seja vista como motivada, o nome não recebe mais as características da coisa.” (CARRAHER & REGO, p.6, 1981).

O nível 2 ou segundo estágio, as crianças apresentam capacidades de focalizar a palavra como tal, independente do seu significado. Porém, ocasionalmente, isoladamente, refere aos significados. Mas no âmbito geral, isso não ocorre com palavras sugestivas.

Neste nível, foram encontradas apenas 5 (cinco) crianças, representando assim 24% (vinte e quatro por cento) das crianças que já conseguem compreender as palavras não apenas como significados, mas também como significantes. Isto é, elas já percebem que as palavras são compostas de sons, letras e sílabas.

Entretanto, no nível 3 se encontram aquelas crianças que demonstram ter conservação. Porém, nesta pesquisa, nenhuma das crianças entrevistadas ainda superou o pensamento realista nominal.

A superação do pensamento realista nominal possibilita, assim, a completa distinção entre significantes e significados e a conseqüente compreensão das palavras enquanto signos verbais arbitrários, capazes de serem representados graficamente, facilitando aquisição da escrita.

Os resultados obtidos estão mais bem explicitados na tabela abaixo, observe:

Tabela 1: Presença do Realismo Nominal

Frequência Realismo nominal	Quantidade	Porcentagem (%)
Nível 1 A	14	66%
Nível 1 B	2	10%
Nível 2	5	24%
Nível 3	0	0%
Total	21	100%

Fonte: Centro Municipal de Educação Infantil da periferia de Montes Claros – MG

Segundo Morais (2006), Consciência Fonológica é um conjunto de habilidades metalinguísticas que permitem à pessoa a ter noção das propriedades fonológicas da fala e sua organização na formação das palavras. Dessa forma, crianças que se encontram num estágio desenvolvido da Consciência Fonológica se alfabetizam com mais facilidade que as outras.

Já Freitas, tem como definição de consciência Fonológica a seguinte ideia: "... a habilidade do ser humano de refletir conscientemente sobre os sons da fala" (2004, p. 179). Contudo, fica claro para a autora que, Consciência Fonológica é um tipo de reflexão metalingüística e é extremamente importante para a alfabetização.

Para verificar os níveis da Consciência Fonológica, foram destinadas dezessete perguntas. No roteiro da entrevista, da pergunta sete a vinte e três tinham como objetivo detectar se a criança já percebia a composição sonora das palavras e se as mesmas eram capazes de manipular os sons.

Estudos adotam a noção de níveis que se desenvolvem em uma escala e Freitas citam esses níveis, conforme sugestão de Goswami e Bruant (1990). São eles: nível das sílabas, nível das unidades intra-silábicas e nível dos fonemas. Freitas (2004) ainda fala da concepção de Gombert (1992) sobre as sílabas. Para Gombert, sílaba é a unidade natural de segmentação da fala, sendo esta mais fácil de ser percebido do que as unidades intra-silábicas e os fonemas. Então, para Freitas, o nível das sílabas é a capacidade que a criança apresenta em dividir as palavras em sílabas. Isso acontece por ser um caminho óbvio de segmentação dos sons, pois traz pouca dificuldade para elas.

Seguindo os níveis de Consciência Fonológica adotada por Freitas (2004), das crianças entrevistadas, 11 (onze), 52% (cinquenta e dois por cento), não foi detectado nenhum nível de Consciência Fonológica. Portanto, 8 (oito) crianças, 38% (trinta e oito por cento), estão no nível das sílabas. Sendo elas capazes de perceberem as sílabas nas palavras.

Neste ponto, concordamos com a autora, no sentido que é notado, entre as crianças, esta facilidade de se perceber os sons das sílabas nas palavras, sendo esse processo, algo natural entre elas, pois as brincadeiras, as músicas, dentre outras atividades, estão carregadas dessa marcação sonora. Por isso, as crianças apresentam uma facilidade em perceber este tipo de segmentação.

Seguindo a escala sugerida por Freitas (2004), o nível das unidades intra-silábicas, se dá quando a criança consegue perceber os sons da divisão da palavra em onset. Isso é, a unidade da palavra que é maior que um fonema e menor que uma sílaba. Onset é a parte da sílaba que vem antes do núcleo. Este termo foi uma denominação utilizada na teoria da sílaba de Selkirk, 1982, para identificar os constituintes silábicos. São configurações de aliterações. Ex: **minhoca** – **menino** (o “**m**” é o onset da palavra). Por fim, a capacidade de identificar rimas também faz parte do nível das unidades intra-silábicas. A rima é definida como a igualdade entre os sons desde que a vogal ou ditongo tônico até o último fonema (**boneca** – **caneca**).

No resultado deste trabalho, detectamos que apenas 2 (duas) crianças se encontram no nível citado acima. Representando 10% (dez por cento), essas em suas respostas foram encaixadas no nível das unidades intra-silábicas. Pois conseguiram identificar rimas e unidades das palavras que eram maiores que um fonema e menor que uma sílaba.

Consideramos este nível com um grau de dificuldade maior que o anterior. Entretanto, ele também pode ser considerado algo natural e espontâneo no desenvolvimento linguístico, uma vez que as rimas se fazem presente na vida das crianças desde cedo, pois está presente em músicas, brincadeiras e livros infantis.

O nível dos fonemas (consciência fonêmica) compreende a capacidade de dividir as palavras em fonemas. O fonema é a menor unidade de som de uma palavra. Quando a criança consegue compreender que as palavras são construídas de sons e que esses sons podem mudar de posição ou podem ser retirados ou até mesmos modificados, então, elas já adquiriram a consciência fonológica.

Todavia, este estágio exige um alto nível de desenvolvimento, pois estes segmentos sonoros são abstratos, colocados de uma forma contínua e de difícil percepção dos sons individuais.

Como era previsto, nenhuma criança conseguiu responder questões relativa em nível dos fonemas. Uma vez que este estágio exige um alto nível de desenvolvimento, pois os segmentos sonoros de uma palavra são abstratos e de difícil percepção dos sons individuais.

Em relação ao Nível dos Fonemas, concordamos com Morais (2006) quando ele responde a questão: “todas essas habilidades são importantes para o aprendizado da escrita alfabética?”, sendo sua resposta negativa. Então, algumas habilidades estão ligadas ao aprendizado inicial do processo de alfabetização da nossa língua. Que, ao nosso parecer, são os níveis das sílabas e os níveis das unidades intra-silábicas. Neste sentido, o nível dos fonemas não está ligado a este aprendizado inicial e sim, é algo que se desenvolve após o indivíduo já ter domínio do sistema escrito.

Enfim, para que a criança consiga chegar a este último estágio, ela terá que percorrer um longo caminho. Isso porque, as crianças, em um determinado momento, não conseguem perceber que a escrita não representa diretamente os significados, mas sim os significantes verbais e eles associados.

Observe a tabela a seguir:

Tabela 2: Níveis de Consciência Fonológica

Níveis da Consciência Fonológica	Frequência	Porcentagem (%)
Nenhum nível detectado	11	52%
Nível das sílabas	8	38%
Nível das unidades intra-silábicas	2	10%
Nível dos fonemas	0	0%
Total	21	100%

Fonte: Centro Municipal de Educação Infantil da periferia de Montes Claros – MG

Quanto à aquisição da escrita, temos uma grande contribuição de Ferreiro & Teberosky (1985). Segundo elas, as crianças vão evoluindo na construção da escrita conforme as respostas em que elas mesmas vão obtendo as suas perguntas. Conforme os modos de interpretação do escrito, elas vão estabelecendo diferentes momentos do processo de aquisição da escrita. Portanto, a medida que vão levantando novas hipóteses, elas se encontram em níveis diferentes. “Ferreiro e Teberosky (1985) descobriram que, muito antes de saber ler um texto, as crianças formulam hipóteses acerca do sistema de escrita, que vão sendo reformuladas à medida que buscam o significado da escrita”. (GUIMARÃES, 2005, p. 65). Neste sentido, Ferreiro (2001) comenta que:

os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado. (FERREIRO, 2001, P. 16)

Belléns (2001) reafirma que o sujeito constroi o conhecimento, reestruturando, reconstruindo e transformando-o, conforme os seus conhecimentos prévios.

De acordo com Ferreiro & Teberosky (1999), a maioria das crianças, por volta dos quatro anos, já compreendem que a escrita vai além de traçados e marcas gráficas. Pois, antes dessa fase, acreditava-se que a escrita tem fim em si própria e não funciona como veículo de informação. Posteriormente, ela descobre que a escrita representa algo externo à própria escrita e percebe que é necessário que as letras tenha uma disposição sequencial com fins significativo para dizer algo.

Buscando compreender tais questões, formulamos perguntas para verificar os estágios de escrita das crianças. Colocamos um ditado,

sendo as últimas perguntas do roteiro de entrevista, de forma que, palavras que representa objetos ou bichos grandes e pequenos com objetivo de verificar se a criança apresenta característica do Realismo Nominal. Escolhemos também palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas. A última questão foi um ditado de uma frase, sendo que uma das palavras da frase estava presente no ditado anterior. Assim, é possível verificar se a criança registra a palavra do mesmo jeito nas duas situações. Outro ponto importante nesta última questão é o fato de detectar a concepção infantil de que nem tudo que falamos pode ser escrito. Segundo Ferreiro (2001), a criança, “por volta dos quatro ou cinco anos (...) pensam que se pode escrever apenas os substantivos” (p. 48). Seguindo essa hipótese, não há necessidade de registrar todas as palavras de uma oração.

Ferreiro (2001) nos permitem identificar quatro estágios de desenvolvimento no processo da construção do princípio alfabético, conforme as hipóteses levantadas pelas crianças a respeito do sistema de escrita: Pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

O resultado foram os seguintes: 17 (dezessete) crianças, isso é 81% (oitenta e um por cento) estão no nível pré-silábico. Elas ainda não conseguem estabelecer relação com a fala e a escrita. Neste estágio, já diferenciam a escrita e outras formas de representação simbólicas. “Além disso, estabelecem critérios para determinar se uma sequência de letras é capaz de expressar alguma coisa (é legível).” (GUIMARÃES, 2005, P. 67). Elas já sabem que as palavras se escrevem com letras e não com desenhos ou números. Entretanto, como a presença do Realismo Nominal ainda é muito forte, elas escrevem as palavras como “casa” com muitas letras e a palavra “borboleta” com poucas letras, levando em consideração o tamanho de uma casa e o tamanho de uma borboleta. Um dos entrevistados escreveu a palavra “bola” com muitas letras, justificando que a bola é redonda e rola muito, por isso deveria ter muitas letras. Outro aspecto importante neste estágio é que a escrita não tem valor de transmissão de informação. Isto significa que cada um consegue ler o seu próprio escrito, porém não consegue ler o escrito do outro.

Na hipótese silábica, a criança desenvolve um critério de diferenciação entre a quantidade de sílabas das palavras para decidir o número de letras que irá usar para escrever determinada palavra. Para cada sílaba, ela usa uma letra. Nesta etapa, a criança já tem uma relação entre grafia e som. Ela passa a representar a sílaba com a vogal ou a consoante. Isso ocorre, porque a criança já é capaz de perceber as partes sonoras estáveis das sílabas. Portanto, Ferreiro e Teberosky (1999) comenta que, na hipótese silábica, pode aparecer tanto a grafia diferenciada como a grafia de valor sonoro estável como também valor fíxo. Na grafia diferenciada, elas encontram em suas pesquisas, uma criança que atribui caracteres, como círculo, traços, a cada sílaba. Neste caso, a criança não usa letras convencionais, mas já faz a correspondência sonora das sílabas. Nos casos de uso da grafia de valor sonoro estável, a criança usa letras aleatórias, ora vogais, ora consoantes, sem, necessariamente, estas letras atribuir o som real da palavra pretendida. Portanto, as letras de valor fixo, numa etapa mais desenvolvida, é quando a criança usa letras que realmente compõe a palavra que deseja escrever. Nos dois primeiros casos, vamos classificar estes estágios de nível silábico 1 (quando a criança escreve uma letra para cada sílaba de forma aleatória, sem nenhuma relação com o som. Isso é, ela usa qualquer letra para representar uma sílaba). No nível silábico 2, ela passa a representar a sílaba com a vogal ou a consoante que realmente aparece na sílaba.

Nenhum dos sujeitos pesquisados se encaixou no nível silábico 1, pois não foi constatado nas escritas, letras sem ligação sonoras representando uma sílaba nas palavras. Portanto, no nível silábico 2, três crianças se encontram neste estágio. Equivalente a 14% (quatorze por cento) dos entrevistados representavam as sílabas das palavras com uma letra correspondente a sílaba. As vezes representava a sílaba com uma vogal ou com uma consoante realmente existente na sílaba pretendida.

Na hipótese silábico-alfabética a criança realiza uma análise fonológica mais apurada, indo além da sílaba, chegando, então, ao fonema. “Por isso, ela é capaz de usar os fonemas para produzir

diferenciações quantitativas e qualitativas, estabelecendo uma correspondência grafema-fonema sistemática” (GUIMARÃES, 2005, p. 69). Entretanto, a criança ainda não domina a ortografia e nem a leitura. É comum que a representação gráfica da escrita falte algumas letras. Isso ocorre porque o nosso sistema de escrita não representa uma transcrição perfeita dos fonemas.

Com base neste estágio, detectamos apenas uma criança que apresentava característica deste estágio, o silábico-alfabético, pois está grafou todas as palavras fazendo correspondência dos sons das palavras, porém, como é comum nessa fase, faltou letras em algumas palavras.

A escrita alfabética consiste numa etapa final desta evolução da escrita. Entretanto, não significa que não exista mais problemas ou dificuldades referentes a escrita. Ferreiro e Teberosky comenta que:

Ao chegar a este nível, a criança já franqueou a “barreira do código”; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: *a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito.* (FERREIRO & TEBEROSKY, 1999, p. 219)

Nesta pesquisa, nenhuma das crianças entrevistadas se encontram neste estágio citado acima.

A tabela a seguir demonstra os resultados obtidos no âmbito do desenvolvimento da escrita.

Tabela 3: Hipótese de escrita

Níveis de Escrita	Frequência	Porcentagem (%)
Hipótese pré-silábica	17	81%
Hipótese silábica nível 1	0	0%
Hipótese silábica nível 2	3	14%
Hipótese silábico-alfabética	1	5%
Hipótese alfabética	0	0%
Total	21	100%

Fonte: Centro Municipal de Educação Infantil da periferia de Montes Claros – MG

Entre os sujeitos pesquisados, dos quatorze que se encontram no nível 1 A do Realismo Nominal, onze deles não apresentaram nenhum nível de consciência fonológica e todos os quatorze se encontram numa hipótese pré-silábica de escrita. Os outros três, apresentam características do nível silábico em consciência fonológica. Os dois sujeitos se encontram no nível 1 B do realismo nominal, estão numa hipótese silábica nível 2, entretanto, no que diz respeito à Consciência Fonológica, um está no nível das sílabas e o outro já consegue perceber rimas, estando este no nível intra-silábico. Observamos que, dos cinco sujeitos que estão no nível 2 do Realismo Nominal, três deles estão no nível das sílabas em relação a consciência fonológica e na hipótese pré-silábica de escrita. Dentre os outros dois restantes, um apresenta característica do nível intra-silábico e na hipótese silábico-alfabético. Já o outro está no nível das sílabas, quanto à consciência Fonológica e na hipótese silábica 2.

Algumas considerações

A análise dos resultados das entrevistas revela que a relação existente entre Consciência Fonológica, Realismo Nominal e aquisição da escrita entre as crianças pesquisadas é que, nem sempre uma criança que dá respostas de realismo nominal não implica necessariamente ausência de consciência fonológica, isto é, ausência da capacidade para perceber semelhanças e/ou diferenças sonoras, ou mesmo da capacidade para analisar a fala em seus segmentos. Queremos dizer que, crianças que se encontram numa hipótese

pré-silábica, que ainda não compreende que as palavras são escritas conforme seus segmentos sonoros, mesmo não sabendo distinguir se uma palavra oral é maior ou menor que outra, ainda assim consegue segmentar palavras em sílabas. Isso ocorre, devido ao fato das sílabas serem pronunciadas de uma forma natural e está presente no seu cotidiano. Nesse sentido é provável que não exista correspondência direta entre os níveis do Realismo Nominal com os níveis de Consciência Fonológica.

A relação existente entre o Realismo Nominal e a aquisição da Escrita é que, as crianças que não ainda não avançaram em seus pensamentos realistas nominal, ainda estão na hipótese pré-silábica de escrita. Para elas, escrever uma palavra em que se refere a objetos ou coisas grandes ou pequenos deve-se usar muitas ou poucas letras, conforme a dimensão física do objeto ou coisa. Entretanto, as crianças que já evoluíram em relação à escrita, também evoluíram em seus pensamentos de realismo nominal.

Quanto à correspondência entre os níveis de Consciência Fonológica e os níveis da aquisição da escrita, concordamos com Morais (2006), que, não há uma relação direta e unidirecional entre os níveis de Consciência fonológica com a escrita. Mesmos a criança que já adquiriu a hipótese silábico-alfabética ou até mesmo, a alfabética, em que já consegue escrever respeitando os valores sonoros convencionais, ainda assim não conseguem perceber os fonemas e contá-los. Ou crianças que demonstram ter habilidades em segmentar as palavras em sílabas ao serem solicitadas a escrever, ainda se encontra numa hipótese pré-silábica.

Com efeito, o estudo dos dados obtidos não confirma a hipótese de que as crianças que estão no nível 1 do Realismo nominal, se encontram no nível das sílabas, pois, nem todas as crianças que apresentaram características do nível 1 do Realismo nominal foram capazes de segmentar oralmente as palavras em sílabas. Todavia, todas nessa situação estão num nível de hipótese pré-silábica de escrita. Também, a hipótese de que existe relação correspondente entre os níveis de Consciência Fonológica e os níveis de Escrita

não foi confirmada. Pois, nem todas as crianças que se encontram numa hipótese pré-silábica de escrita foram capazes de segmentar palavras em sílabas e contá-las. Entretanto, podemos confirmar que, à medida que as crianças avançam nos níveis de Consciência Fonológica, também avançam nos níveis de escrita e na superação do Realismo Nominal.

Os resultados obtidos indicaram, como vimos, uma alta correlação entre os níveis do Realismo Nominal, Consciência Fonológica e de aquisição da escrita. Tal fato, por si só, não nos permite, porém supor uma relação de precedência de um desses fatores sobre o outro. Apesar disso, a associação entre estes fatores, conforme obtida no presente trabalho, aliada aos estudos de outros sobre os temas, tais como: Morais (2006), Freitas (2004), Carraher & Rego (1981), Ferreiro & Teberosky (1986), nos fornecem informações que dão suporte a ideia de uma forte influência entre eles.

Nesse sentido, para que haja progresso no rompimento do Realismo Nominal e na aquisição da Consciência fonológica e avanços nos níveis da escrita, há necessidade de que se façam uma boa intervenção pedagógica, com atividades criativas e objetivas.

As ideias de Ferreiro & Teberosky (1999) geram uma profunda mudança no foco educativo. Elas desviaram o enfoque do “como se ensina” para o “como se aprende”, colocando no centro da questão o sujeito ativo e inteligente.

Bellés (2001), fala que é interessante perguntar as crianças o que elas sabem sobre a escrita, para tenta ajustar a proposta de ensino e de aprendizagem à proposta construtivista. Ela comenta que o construtivismo ainda não é uma questão resolvida, mas não podemos negar suas contribuições.

Dispor dos conhecimentos que a psicogênese da escrita nos oferece se faz indispensável, uma vez que penetramos no universo das idéias das crianças e dessa forma, nascem novas perspectivas para encarar a prática educativa.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith & GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas Ciências naturais e sociais. São Paulo: Pioneira, 1999.

BELLÉS, Rosa M. O que as crianças pequenas sabem sobre a escrita? In: PEREZ, Francisco Carvajal, GARCIA, Joaquín Ramos. (orgs) Ensinar ou aprender a ler e a escrever? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CARRAHER, Terezinha Nunes e Rego, Lúcia Lins Browne. O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura. Cadernos de pesquisa. N. 39, nov. 1981, São Paulo.

FREITAS, Gabriela Castro Menezes. Sobre a Consciência Fonológica. In: LAMPRECHT, Regina Ritter. Aquisição Fonológica do Português. São Paulo: Artmed, 2004.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1995.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57 – 63, mar./abr., 1995.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli Eliza D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAIS, Artur Gomes. Consciência fonológica e metodologias de alfabetização. Presença Pedagógica. Nº 70, jul/ago. 2006.

TEBEROSKY, Ana. O ingresso na Escrita. In: PEREZ, Francisco Carvajal, GARCIA, Joaquín Ramos. (orgs) Ensinar ou aprender a ler e a escrever? Porto Alegre: Artmed, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais. 4ª tiragem. São Paulo: Atlas, 1995.